



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO (UFOP)  
INSTITUTO DE FILOSOFIA ARTES E CULTURA (IFAC)  
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS (DEART)  
LICENCIATURA EM ARTES CÊNICAS (COLAC)

MARCOS AURÉLIO BRAGA DINIZ

**AFETIVIDADE, EDUCAÇÃO E ARTE:  
vivências de construção de autonomia**

OURO PRETO  
2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO (UFOP)  
INSTITUTO DE FILOSOFIA ARTES E CULTURA (IFAC)  
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS (DEART)  
LICENCIATURA EM ARTES CÊNICAS (COLAC)

MARCOS AURÉLIO BRAGA DINIZ

**AFETIVIDADE, EDUCAÇÃO E ARTE:  
vivências de construção de autonomia**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Artes Cênicas - Licenciatura do Departamento de Artes Cênicas (DEART) do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura (IFAC) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) como requisito parcial para a obtenção do diploma de Licenciatura em Artes Cênicas.

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Neide das Graças de Souza Bortolini

OURO PRETO  
2022



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
REITORIA  
INSTITUTO DE FILOSOFIA ARTES E CULTURA  
DEPARTAMENTO DE ARTES



## FOLHA DE APROVAÇÃO

Marcos Aurélio Braga Diniz

AFETIVIDADE, EDUCAÇÃO E ARTE: vivências de  
construção de autonomia

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado.

Aprovada em 22 de junho de 2022

### Membros da banca

Dra. Neide das Graças de Souza Bortolini - Universidade Federal de Ouro Preto  
Profa. Ana Nery Pinheiro de Carvalho - Casa de Artes Solares - Cia Teatral Solares - Santa Luzia, MG.  
Dr. Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi - Universidade Federal de Ouro Preto

[Neide das Graças de Souza Bortolini], orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 17/08/2022



Documento assinado eletronicamente por **Neide das Graças de Souza Bortolini, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 18/08/2022, às 09:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0382257** e o código CRC **E94948DE**.

AFETIVIDADE, EDUCAÇÃO E ARTE:  
vivências de construção de autonomia

Marcos Aurélio Braga Diniz

**RESUMO**

Neste Trabalho de Conclusão de Curso abordo minha trajetória entre educação e afetividade, entrelaçando minha família, a formação social, educacional e artística, pelos meus vínculos com o Centro Educacional São Domingos Sávio em Itabirito (MG). Nessa escola realizei a Educação Infantil e encontrei a minha família quando era criança, com um ano e seis meses. Ali também realizei o estágio durante a Licenciatura em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Ouro Preto/UFOP, bem como realizei minhas experiências como docente em Arte na Educação Infantil. Esta dissertação trata-se de um estudo com o intuito de compreender a função social e a importância da Educação Infantil, e de que maneira a dimensão psicossocial e afetiva afeta o desenvolvimento das pessoas. Abordo, ainda, meu encontro com o Teatro no Atelier de Artes Integradas de Itabirito (MG), minha atuação como artista na cidade, a participação na formação do Grupo Teatral Flor de Maio de Itabirito (MG). Tudo isso com o propósito de investigar a importância da construção de autonomia entre liberdade e limites numa perspectiva ética e de cidadania. A partir dessas experiências faço uma leitura da BNCC, na busca de compreender o ensino e aprendizagem das artes, em diálogo com outros autores que colaboram para o aprendizado e desenvolvimento dos saberes, entre as linguagens artísticas na Educação Infantil.

**PALAVRAS-CHAVES:** Educação Infantil, teatro, comunidade, afetividade, autonomia.

AFFECTIVITY, EDUCATION AND ART:  
experiences of building autonomy

Marcos Aurélio Braga Diniz

**ABSTRACT**

In this Final Paper I address my trajectory between education and affectivity, intertwining my family, social, educational and artistic background, through my bonds with the São Domingos Sávio Educational Center in Itabirito (MG). At this school I attended Early Childhood Education and met my family when I was a child, aged one year and six months. There, I also performed the internship during the Degree in Performing Arts at the Federal University of Ouro Preto/UFOP, as well as carried out my experience as a teacher in Arts in Early Childhood Education. This paper concerns a study with the aim of understanding the social function and the importance of Early Childhood Education, and how the psychosocial and affective dimension affects people's development. I also discuss my meeting with the Theater at the Integrated Arts Atelier of Itabirito (MG), my performance as an artist in the city, my participation in the formation of the Grupo Teatral Flor de Maio of Itabirito (MG). All this with the purpose of investigating the importance of building autonomy between freedom and limits in an ethical and citizenship perspective. From these experiences, I read the BNCC in the search to comprehend the teaching and learning of the arts, in dialogue with other authors who contribute to the learning and development of knowledge, among the artistic languages in Early Childhood Education.

**KEYWORDS:** early childhood education, theater, affectivity, autonomy

## Introdução

Neste trabalho abordo os encontros e desencontros do teatro em minha trajetória, aspectos dos meus estágios durante o curso de graduação em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Ouro Preto, entre os anos 2016 a 2022, as instituições onde ocorreu meu convívio educacional e o sentimento de pertencimento a esses espaços, mesmo antes de minha formação acadêmica. Por meio desses registros e reflexões, compreendo as reverberações das minhas vivências, tanto como aluno, artista, e minha presença enquanto educador na Educação Infantil.

Um dos meus campos de estágio, tanto de observação quanto de regência, foi exercido em uma escola particular de Educação Infantil. O Centro Educacional São Domingos Sávio<sup>1</sup>, localizado no centro da cidade de Itabirito-MG, instalado em um casarão antigo, e com um amplo espaço interior. Infelizmente, durante a escrita deste trabalho a escola está com atividades paralisadas, tanto em decorrência da pandemia da Covid-19, quanto por questões administrativas e econômicas que envolvem a família de proprietário(a)s tanto do imóvel, quanto da escola. Além disso, o impulso para a escrita deste trabalho parte do interesse em registrar a história da escola que, em 2020, completou setenta anos. Assim, ao buscar compreender as experiências dos estágios, reflito, ainda, sobre as vivências docentes, posteriores, no período em que fui contratado como professor dessa escola, no ano de 2019, na perspectiva de estudar a construção de autonomia.

Importante acrescentar que toda a minha trajetória pessoal está ligada diretamente à forma de compreender as vivências nesta escola de Educação Infantil - desde a minha própria infância, passando pelos estágios e seguindo a vida profissional -, visto que, além das contribuições para minha formação enquanto docente, foi nela que, ainda criança, encontrei a minha família adotiva.

---

<sup>1</sup> Centro Educacional São Domingos Sávio - CNPJ: 05.100.617/0001-00, localizado na Rua Dr. Guilherme, nº 320 no Centro, CEP 35450-000 em Itabirito/MG. A escola fundada em 1950 foi desativada desde 2020 em decorrência da pandemia Covid 19, quando várias escolas particulares ficaram sem condições de funcionar. Atendia crianças de 1 a 5 anos, com cerca de quarenta alunos, seis funcionário(a)s, a saber: diretora, supervisora, professores, monitora e uma auxiliar de limpeza.

Outro espaço que considero importante nessa trajetória é o Atelier de Artes Integradas<sup>2</sup>, onde encontrei a prática teatral e, assim, me vi incluso no teatro e me encontrei profissionalmente.

Ademais, valendo-me da minha trajetória pessoal, profissional e acadêmica, vale dizer que a Educação Infantil tem um papel fundamental na introdução da criança em um meio social mais amplo, além do seu núcleo familiar, uma vez que é através dela que a criança irá aprender a relacionar e viver em sociedade, bem como construir processos de alfabetização. Portanto, a Base Nacional Comum Curricular<sup>3</sup>, que é um documento que possui caráter normativo, que dispõe de lei e obrigatoriedade, traz aspectos fundamentais para o desenvolvimento das habilidades humanas, propiciando interações sociais, os saberes históricos e culturais. Enfim, os aspectos da função social da Educação Infantil são de suma importância para a formação e construção dos sujeitos na comunidade.

Reconhece, assim, que a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. Significa, ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades. Além disso, a escola, como espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva, deve se fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades. (BRASIL, 2018, p. 14).

Como explicitado nesse trecho da BNCC, referido documento pauta-se sobre o princípio da educação integral, que vai respeitar as diferenças e visa contemplar as diversidades discentes, atendendo suas necessidades. Portanto, deve-se levar em consideração que cada pessoa é diferente, cada um tem um tempo de aprendizagem

---

<sup>2</sup> Atelier de Artes Integradas é escola pública da Prefeitura de Itabirito, projeto inaugurado em 2006, que promove curso livre de teatro e balé. Endereço: Rua Getúlio Vargas, 295 - Boa Viagem, Itabirito - MG, 35450-072 / A equipe de 2021 é composta por: Coordenador Artístico e Pedagógico: Felipe Cunha; Coordenador Administrativo: Vinícius Alberto; Professores de Teatro: Bruna Chiaradia, Davi Procópio, Francisco de Assis (Chicó) e Geraldo Rocha (Dhu); Estagiária: Isabela Freiria; Auxiliar Administrativo: Érica da Silva e Verushka Lopes; Serviços Gerais: Cirleide dos Santos e Cristiane da Silva; Portaria/Vigia: Alexandre Eustáquio Link da Revista digital: <https://itabirito.mg.gov.br/atelier-15-anos>. Consultado em 22 de maio de 2022.

<sup>3</sup> A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Link: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>

diferente, necessidades específicas, e isso precisa ser contemplado e abordado pelas escolas.

Portando, mas não somente, A BNCC (2018) tem papel fundamental, uma vez que explicita as aprendizagens essenciais que todos os estudantes devem desenvolver, e expressa, ainda, a necessária igualdade de condições, bem como o respeito às singularidades que devem ser consideradas e atendidas.

### **Adoção, afetividade e educação**

Minha ligação com a escola - Centro Educacional São Domingos Sávio - iniciou-se em 1998, quando eu tinha um ano e seis meses e meu pai biológico pediu à diretora na época uma bolsa de estudo. Com o falecimento do meu pai, ao completar três anos, vivia com a família originária em condições de vulnerabilidade psicossocial; portanto, em razão da relação afetiva gerada através da escola, fui convidado a retornar à instituição de ensino e, posteriormente, aos cinco anos, fui adotado pela família proprietária da escola. Foi pela convivência educacional, pelo reconhecimento das dificuldades familiares e por um pedido da minha mãe biológica, que passei a ser cuidado por Norma Pedrosa, diretora da escola, que posteriormente realizou o pedido de guarda provisória e permanente.

O contexto familiar no Centro Educacional São Domingos Sávio é muito presente em minha vida, dado que estudei do Maternal ao Terceiro Período, concluindo a Educação Infantil, bem como me integrei à família de Norma Alves Pedrosa Bittencourt, minha mãe, Lauro José Bastos Bittencourt, meu pai e Bianca Pedrosa Bittencourt, minha irmã.

Para além, vale aqui citar figura também pertencente à família a qual me integrei, e responsável pela criação do Centro Educacional São Domingos Sávio. Elisa Elza Rodrigues Bittencourt<sup>4</sup>, após concluir curso de magistério em 1950, fundou a escola em conjunto com membros de sua família e, depois, agregou ao corpo docente suas filhas e sua nora – Norma Alves Pedrosa Bittencourt<sup>5</sup> – que, posteriormente,

---

<sup>4</sup> Elisa Elza Rodrigues Bittencourt, conhecida como Tia Lola, foi professora, musicista, fundadora e diretora do Jardim de Infância São Domingos Sávio Escola. Diretora das escolas municipais, José Ferreira Bastos, Manoel Salvador de Oliveira, presidente por diversas vezes do Lions Clube Itabiritense.

<sup>5</sup> Norma Alves Pedrosa Bittencourt é “graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG (1998), especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Centro de Pesquisas Educacionais de Minas Gerais – CEPENMG (2000), graduada em Filosofia-Licenciatura pela Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP(2018), graduanda em Filosofia-bacharelado pela universidade Federal de Ouro Preto – UFOP (ingresso 2019), Mestranda em filosofia pela Universidade

entre 1990 e 2020, assumiu a administração e a direção do Centro Educacional São Domingos Sávio.

Em sequência, portanto, coloco que, evidentemente, o desenvolvimento está inteiramente ligado às relações e aos meios sociais com os quais a criança convive, sua família, sua escola e as atividades culturais que propiciam aprendizagens. O processo educacional não se limita à escola, mas a todos os espaços relacionais, sendo a família um espaço privilegiado nesse contexto. Então, o mais propício para o desenvolvimento inicia-se em famílias estruturadas, porém, não me refiro a uma família idealizada, mas sim à que propicia acesso aos direitos fundamentais, tais como o amparo básico e emocional, onde se há construção de vínculos, de afetividades, a partir das relações de acolhimento - o que é essencial para que a criança se desenvolva, se sinta valorizada.

Nesse sentido, de que maneira a dimensão psicossocial e afetiva afeta o desenvolvimento? É por meio da relação afetiva, das relações sociais e psicológicas que se propicia ao sujeito um desenvolvido psicoafetivo. Assim, a afetividade é tomada como base na organização estrutural da personalidade a partir de Freud, tomado na visão de Mércia Moreira e Maria Teresa Coutinho:

O desenvolvimento e o amadurecimento da personalidade implicam, entre outras coisas, passar dessa dependência inicial a um grau progressivo de independência, isso é bastar-se, num certo nível, a si mesmo, biológica e psicologicamente, podendo ser provedor de outra pessoa em alimento, calor, proteção carinho. Crescer significa, além disso, poder estabelecer vínculos com outras pessoas, que não seja somente vínculos de dependência. (COUTINHO e MOREIRA, 1997, p. 155).

A importância dos educadores e da família, de uma escuta aberta com sensibilidade para o desenvolvimento psicossocial da criança na construção da personalidade, na transição da dependência para independência, passa pelas relações afetivas de segurança e proteção. Os(as) educadores(as) e a família

---

Federal de São João Del Rei – UFSJ (ingresso 2020) na linha de pesquisa Metafísica e Mente desenvolvendo pesquisa sobre a intuição em Henri Bergson com o projeto "Vivência Intuitiva em Henri Bergson: uma atenção à vida para além do universo conceitual". Experiência em administração, supervisão e coordenação pedagógica em escola de Educação Infantil (1990-2020). Experiência em atendimento Psicopedagógico Clínico (2000-2012) Experiência profissional na rede estadual como professora de educação básica de filosofia para as turmas do Ensino Médio, Escola do Campo e Educação de Jovens e Adultos, EJA (2016 - 2020 - atual). Experiência como Coordenadora de projetos da Educação Integral do Ensino Fundamental II na rede Estadual de Educação de Minas Gerais (2017). Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência da Universidade Federal de Ouro Preto – PIBID-PED-UFOP (2016 - 2018). Palestrante na área educacional com orientação às famílias, diálogo com os estudantes e inteligência socioemocional." Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/7875053642308107> Acesso em 14 de abril de 2022.

precisam ter essa percepção, do necessário equilíbrio entre afetos e limites, tendo em vista que a flexibilidade nos relacionamentos colabora para a construção de um ego e superego saudáveis.

Pelo posicionamento de Coutinho e Moreira (1997), as atitudes que dificultam a aprendizagem, estão ligadas diretamente às imposições e práticas repressoras. Ou seja, educar deve ser permeado pelo diálogo, ao propiciar a abertura para a elaboração sobre as regras, normas e análises dos conflitos, de forma que se possibilite o sujeito a experimentar, questionar, refletir. A família ou educadores que, de forma abrupta, xingam ou reprimem com muita frequência, pouco contribuem com o desenvolvimento da criança, pois, não dão a possibilidade de entender onde, o quê, e o porquê a criança praticou algo de errado, ou seja, de racionalizar, de dar o entendimento pela razão. “A aceitação passiva, dependente e acrítica da autoridade, enquanto tal, pela criança e pelo adolescente, resulta, como já foi dito na fragilidade do Ego, sendo formada, assim, a base da aprendizagem de submissão e conformismo social” (COUTINHO e MOREIRA, 1997, p. 157).

No entanto, o processo que favorece o desenvolvimento não está ligado à liberdade sem limites, sem cuidados e sem o equilíbrio moral nos relacionamentos, mas sim às oportunidades de racionalização e o entendimento das regras de convivência.

De tal forma, a importância do afeto, da paciência, da atenção e do carinho com as crianças, deve ser vivenciada em atividades internalizadas e através de situações que tornem possível à criança os entendimentos de suas ações. Ademais, na perspectiva do desenvolvimento infantil com momentos agradáveis, mesmo que com conflitos cognitivos, através de dinâmicas guiadas por pessoas responsáveis, deve-se procurar com que a criança sinta-se acolhida, segura para criar hipóteses e soluções, mas sempre nas ações e no seu papel que é ser criança.

Ana Cristina Rangel (1992) indica que a atividade espontânea da criança tem que estar inserida no meio educativo, com intencionalidades, criando situações propícias para a criança se desenvolver, ou seja, não se trata somente de deixá-la livre a brincar. A importância da música, da dança, das cantigas, da contação de história na construção das práticas pedagógicas é imprescindível à cultura da infância. Temos que valorizar as iniciativas das crianças, instigando e oferecendo mais elementos a partir das brincadeiras, uma vez que, sem a valorização do protagonismo da criança, não há o campo da racionalização e desenvolvimento desse sujeito - é

preciso um misto de liberdade e direção. E esse misto está na construção de situações que trazem novos problemas, coloquem a criança no desequilíbrio cognitivo, visto que, nessa concepção construtivista, são geradas sucessivas situações de cooperação entre os sujeitos envolvidos. É preciso que adultos apresentem limites e que a criança se sinta livre para expor seus pensamentos sem medo de ser julgada.

De acordo com Piaget, o agrupamento entre crianças oscila entre dois tipos de moral: a da heteronomia e a da autonomia. As tentativas de colaboração (pacto democrático) resultam do crescente sentido de cooperação e não atingem nunca um equilíbrio ideal ou estático. A consciência de si implica uma confrontação contínua do eu com o outro. Somente por meio do contato com os julgamentos e avaliações do outro é que a autonomia intelectual e afetiva cede lugar à pressão das regras coletivas, lógicas e morais. Por oposição ao símbolo discursivo, o símbolo lúdico culmina na ficção e não na crença. (KOUDELA, 2007, p.21).

Evidentemente, o condicionamento do comportamento humano não se cruza com essa proposta, não são imposições ou excessiva repressão que possibilitam a formação cognitiva e o desenvolvimento moral, mas sim, por meio das relações afetivas e de respeito mútuo, se possibilita à criança desenvolver a autonomia moral e intelectual. Por isso, é interessante o movimento do desenvolvimento da moral e do respeito nessa visão interacionista de Piaget, além de aprender pela reversibilidade de pensamento, ou seja, pela capacidade de se colocar no lugar do outro. A perspectiva aqui não é tratar a criança com recompensas e punições pelos seus atos, mas, justamente, criar com a criança o entendimento das sanções de reciprocidade, o que Rangel, ao retomar Piaget, demonstra ser:

As sanções de reciprocidade são recomendadas por guardarem um mínimo poder de coerção; além de derivarem da relação natural ou lógica entre a sanção e o ato sancionado, ajudam a criança a se colocar no ponto de vista do outro que sofreu os efeitos da sua “má conduta” (descentração e permitem e encorajam a criança a participar do processo de decisão que visa reparação do seu “erro” em função das leis de reciprocidade, nas quais se fundamentam (RANGEL, 1992, p.79).

Logo, as sanções de reciprocidade motivam a criança a construir regras de conduta, ao ser levada a pensar que poderia ter agido diferente, ao fazer com que compreenda que elos de solidariedade, de amizade, de cumplicidade foram quebrados quando agiu “errado”. Além disso, possibilitam à criança escolher a decisão de reparação de sua atitude. Assim, ela reelabora e internaliza as regras de convivência a partir da interação com seu meio social, das reflexões trazidas pela mãe, pai, ou demais responsáveis, como são os(as) educadores(as).

## Das vivências teatrais

Outro encontro que vivenciei na infância foi com o teatro, no Atelier de Artes Integradas, um projeto vinculado à prefeitura municipal de Itabirito (MG), que completou dezesseis anos de atividades em 2022. É um curso livre que disponibiliza aulas gratuitas de teatro e balé, e atualmente atende cerca de quatrocentas crianças, adolescentes e adultos, matriculados nas aulas oferecidas pela instituição. Nesse espaço de acolhimento e aprendizagem teatral, vivi onze anos, entre 2006 até 2015: iniciei aos nove anos e aos dezenove anos me formei no Curso Técnico em Teatro<sup>6</sup>, projeto que aconteceu entre os anos de 2014 e 2017.

O Atelier de Artes Integradas é um espaço que proporciona um engajamento artístico, político, pela criticidade e ética estabelecidas nas práticas educacionais. A possibilidade de conviver e estar em liberdade, seguia e compreendia entre os deveres, portanto, favorecendo a construção de disciplina e da autonomia durante as aulas e em todos os momentos de convivência. Logo, foi tudo isso que marcou a minha experiência nessa formação em teatro. Sobre isso, Paulo Freire pontua:

Num dos inúmeros debates de que venho participando, e em que discutia precisamente a questão dos limites sem os quais a liberdade se perverte em licença e a autoridade em autoritarismo ouvi de um dos participantes que, ao falar dos limites à liberdade eu estava repetindo a cantilena que caracterizava o discurso de professor seu, reconhecidamente reacionário, durante o regime militar. Para mim, não, exatamente porque aposto nela, porque sei que sem ela a existência só tem valor e sentido na luta em favor dela. A liberdade sem limite é tão negada quanto a liberdade asfixiada ou castrada. (FREIRE, 1996, p. 40 ou 54).

O autoritarismo é limitante no processo pedagógico, e faz com que o sujeito, sendo conduzido somente por repressões e regras, se torne omissivo, ao deixar a responsabilidade do saber para outra pessoa. Porém, por outro lado, o limite é o caminho para a disciplina. A autoridade, não o autoritarismo, nessa perspectiva é tão importante quanto as liberdades, pois, quando as duas estão em equilíbrio e harmonia, surge a liberdade pela introjeção dos limites, e passa-se a ter disciplina internalizada.

---

<sup>6</sup> Curso Técnico em Teatro se deu na parceria do Atelier de Artes Integradas, com o Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do Estado de Minas Gerais – SATED. Com 2 turmas formadas, após o projeto não teve continuidade – (2014-2017). A base curricular do curso: Expressão Corporal I e II - 74 horas; Expressão Vocal I, II, III - 112 horas; Improvisação I e II - 111 horas; Interpretação - Prática de Montagem I, II e III - 171 horas; História do teatro - 36 horas; Exercícios Cênicos - 54 horas, Literatura Dramática - 38 horas; Teoria e Pesquisa - 40 horas; Circo - 54 horas; Gestão Empreendedora em Arte e Cultura I e II - 98 horas; Cenografia - 40 horas; Criação de Figurinos e Adereços - 40 horas; Maquiagem Cênica e Caracterização de Personagem - 60 horas; Montagem Teatral - 152 horas.

Posto isso, a brutalidade do autoritarismo não é o caminho, ao passo que a disciplina, neste quesito, torna-se organizadora da liberdade: uma pessoa disciplinada pode tornar-se mais confiante para tomar decisões, mais independente e, assim, constrói sua autonomia. Contudo, as relações de autoridade e liberdades devem ser estabelecidas em um ambiente de respeito mútuo e pelas sanções de reciprocidades.

Somente nas práticas em que autoridade e liberdade se afirmam e se preservam enquanto elas mesmas, portanto no respeito mútuo, é que se pode falar de práticas disciplinadas como também em práticas favoráveis à vocação para o ser mais. (FREIRE, 1996, p. 46).

Rangel (1992) demonstra que atitudes do autoritarismo podem provocar o prolongamento da heteronomia, uma vez que pais, mães, responsáveis e educadores que impossibilitam a criança de vivenciar frustrações, de forma positiva e independente, provocam dificuldades no desenvolvimento da autonomia.

Muitos dos jogos teatrais estão nesse campo, uma vez que as regras atuam como essa presença da autoridade, que mesmo que aparentemente limitam as ações no jogo, são flexíveis e possibilitam a busca de respostas ou soluções, não havendo somente uma forma de conduzir ou resolver problemas. Dentro dessas regras, há diversas soluções e liberdades para que, no fluxo do jogo teatral, se construam pensamentos e ações, o que gera criatividade e possibilita a autonomia e a autoconfiança. A partir do momento em que o sujeito se reconhece como executor e construtor da sua experiência, vem a formação de autonomia - e os jogos teatrais são caminhos que favorecem esse reconhecimento e execução do sujeito.

Poucas são as oportunidades oferecidas às crianças para interferir na realidade, de forma que possam encontrar a si mesmas. Seu mundo, controlado pelos adultos que lhes dizem o que fazer e quando fazer, oferece poucas oportunidades para agir ou aceitar responsabilidades comunitárias. A oficina de jogos teatrais oferece aos alunos a oportunidade de exercer sua liberdade, respeito pelo outro e responsabilidade dentro da comunidade da sala de aula. (SPOLIN, 2007, p.30).

Observo nas regras de um Jogo Teatral, os limites instaurados em uma imensidão de possibilidades de soluções, assim, a liberdade advém da disciplina construída e não imposta, sendo fundamental durante a infância e adolescência. Portanto, os limites dos jogos, a partir das práticas da encenação, possibilitam aberturas para o imaginário, para o simbólico na criação cênica, possibilitando, por sua própria experiência, escolher intuitivamente as melhores soluções de problemas cênicos, de forma espontânea e experimental.

Ademais, ainda tratando sobre jogos teatrais, vale acrescentar aqui vivências pessoais minhas que servem de complemento para o que até o momento foi discorrido através deste trabalho, uma vez que é possível construir relações entre posto campo teórico e minhas práticas artísticas em cursos e grupos dos quais fiz parte. Vejamos: as aulas do Curso Livre se davam uma vez por semana, por um período que variava de duas horas a três horas, organizado em módulos anuais. Durante essa experiência vivenciei várias metodologias teatrais, pois, a cada ano mudavam o(a)s professor(a)s. As aulas que mais vivenciei estavam instauradas em práticas de jogos teatrais, cenas improvisadas, jogos de Viola Spolin ou adaptações deles, com o sistema: “Onde, quem e o quê?” (cenário, personagem, e ação); jogos de situações; jogos de blablação; além de jogos de aquecimento, entre outros. Tais jogos geravam as improvisações ou cenas teatrais curtas, ou até mesmo, encenações completas.

**Figura 1** - Fotografia de apresentação de uma Semana de Aula Aberta



Fonte: Acervo pessoal do autor (2007)

A Casa de Cultura Maestro Dungas<sup>7</sup> é um espaço utilizado para ensaios e apresentações cênicas, espaço onde ocorre, também, a "Semana de aula aberta", a "Mostra de Teatro" e os "Festivais de Teatro", eventos realizados pelo Atelier de Artes Integradas, onde vivenciamos uma estreia, por exemplo, passando por experiências diversas de encenação e nos deparando com a construção coletiva da estética teatral. Vale aqui citar que, da infância até a juventude, tive o privilégio de atuar e ser espectador de diversos espetáculos, aguçando a sensibilidade, a autonomia criativa, momentos que contribuíram para as escolhas profissionais que fiz.

<sup>7</sup> Casa de Cultura Maestro Dungas é um espaço de responsabilidade da Prefeitura Municipal de Itabirito e encontra-se situada na Rua Carlos Michel, nº1 – Centro. Foi fundada em sete de setembro de 1994, a casa possui uma infraestrutura com iluminação, equipamentos de som, sala de ensaio, galeria de arte e camarim.

Além das práticas educacionais artísticas, as vivências no Atelier foram fundamentais para a construção de vínculos, de relações, um ambiente de liberdade para experimentar e sentir-se em casa. Um espaço apropriado para tornar-se uma pessoa solidária, ética, participativa e crítica. Uma pessoa que aprende a analisar, refletir, ser proativa e tomar suas próprias decisões, sem ficar vulnerável às opiniões alheias - uma pessoa com autonomia.

Era de praxe chegar mais cedo para o espaço do Atelier, para conversar, conviver, tomar café, colher e chupar jabuticabas. Isso trouxe um sentimento de pertencer ao espaço e ser aceito pelo grupo social, pois, estando em uma atmosfera segura se possibilitam trocas mútuas entre as pessoas, sentindo-se essas valorizadas e respeitadas.

Durante o período que cursava o Curso Técnico em Teatro, os vínculos foram estreitando, além de amadurecer o lado profissional, pois convivi com outros(as) artistas e atuantes na cidade. Por isso, durante as aulas que se davam de segunda a sexta, de 2014 e 2015<sup>8</sup>, participei da formação do Grupo Teatral Flor de Maio<sup>9</sup>, que surgiu das inquietações vindas no final de referido curso técnico. Foi assim que realizamos o primeiro espetáculo chamado justamente “Flor de Maio”, com a dramaturgia construída por Larissa Sônia Vitória Pereira<sup>10</sup> e Bárbara de Fátima Silva<sup>11</sup>, amigas e companheiras de trabalho. Essa dramaturgia foi tecida a partir de uma tradição católica da cidade de Itabirito (MG), como em um romance. A tradição consiste em que entre o dia trinta de abril e o dia primeiro de maio, deveria se colocar a flor de maio na janela, uma flor amarela muito presente na região, para que a Nossa

---

<sup>8</sup> O curso técnico teve duração de dois anos que era dividido em quatro módulos de seis meses cada um.

<sup>9</sup> Grupo Teatral Flor de Maio – Criado em 2015 por Bárbara Sill, Larissa Sônia, Marcos Diniz, alunos oriundos do Curso técnico do Atelier de Artes Integradas, que atua na cidade de Itabirito (MG). Atualmente é formado por quatro artistas e chama-se A Flor de Maio Teatro - Instagram: <https://www.instagram.com/flordemaio teatro/> - Acesso em 24 de maio de 2022.

<sup>10</sup> Larissa Sônia Vitória Pereira - Currículo Lattes - <http://lattes.cnpq.br/3992821097097109> - Acesso em 04 de junho de 2022.

<sup>11</sup> Bárbara de Fátima Silva - Atriz, contadora de história e arte educadora. Formada no curso técnico de teatro do Atelier de Artes Integradas (2015) e graduada em Artes Cênicas Licenciatura pela UFOP (2021). Integrante e fundadora da "Flor de Maio Teatro" e atriz na Cia. Teatral Solares. Na universidade atuou como bolsista no PIBID Teatro UFOP (2016 a 2017) e no projeto CIA da Gente no Lar São Vicente de Paulo (2018 -2021) executando práticas integrativas de arte-educação. Trabalhou como contadora de histórias no Colégio Santo Agostinho (2021 a 2022). Trabalha atualmente no Centro de Cultura de Formação e Entretenimento Alumia com contações de histórias (2019- 2022), no Centro Cultural Casa de Artes Solares com cursos de teatro, na rede estadual de ensino ministrando a disciplina de artes e na produção artística com montagem de espetáculos, intervenções e conteúdos digitais através grupo “A Flor de Maio Teatro”.

Senhora passasse iluminando os(as) moradoras daquela residência. Flor de Maio, portanto, foi inspirado numa tradição cultural popular da cidade de Itabirito (MG).

No caso da peça “Flor de Maio”, os(as) personagens refletem sobre aspectos da convivência e dizem muito sobre a cidade de Itabirito, em uma ligação entre o ficcional e o real, no entanto, abordando características e personalidades de forma crítica que podem ser facilmente encontradas em outras cidades, por ter traços caricaturais de figuras centrais das cidades pequenas: um padre autoritário, senhoras fofoqueiras, jovens apaixonado(a)s. São sete personagens que compõem a dramaturgia: Dona Efigênia (Figeninha) – Amiga de Dona Rita; Dona Rita – Avó de Joaquim; Filomena (Filó) - Noiva de Joaquim; Joaquim (Quinzinho) - Noivo de Filomena; Padre Honório – Padre da Cidade; Dona Rosa – Mãe de Filomena; Toninho – Narrador e vendedor de frutas.

TONINHO –  
 “Muito Boa Noite  
 Eu sou Toninho  
 Moro aqui pertinho  
 Vendo fruta pela cidade  
 Pode comprar, senhor, garanto que é de qualidade  
 Nós estamos em Itabirito  
 Uma Cidade do interior  
 Cheia de gente bonita e também de flor  
 Vou lhes contar uma história  
 Não diferente das do momento  
 Cheia de fofoca e gloria e casamento.

Ela fala da flor de maio  
 Flor de Maria  
 Mãe de Jesus  
 Ser de muita Luz!  
 Dizem os boatos  
 Dos mais velhos até os novatos  
 Que todo ano  
 O povo tem de cumprir um plano.  
 Nas Janelas das casas todos devem colocar  
 No primeiro dia do mês de Maria  
 Um ramo de flor de maio para a sorte chamar.  
 E a Santa em agradecimento vem pegar e abençoar  
 A casa que na sacada tiver uma flor pra lhe homenagear!  
 Vou lhes apresentar agora as pessoas que aqui vivem:  
 Vou começar por Dona Rita  
 Vó de Quinzinho  
 Que há de se casar loguinho.  
 Temos também Dona Efigênia,  
 Essa adora uma fofoca  
 A língua Dela nem Deus segura  
 Vive pra todo lado falando da vida alheia  
 Mas no fundo é uma doçura.

Nessa cidade mora também Dona Rosa  
 Esta é gananciosa!

Queria casar a filha com um homem de berço  
 Mas vai ter que aceitar um que não tem nem endereço.  
 Mas vamos falar de coisa boa,  
 O romance está no ar  
 Filó e Quinzinho querem se casar  
 Mas ainda tem muita coisa pra rolar  
 Vamos ver no que vai dar?"  
 (Larissa Sônia Vitória Pereira e Bárbara de Fátima Silva, 2017)

Através da dramaturgia são demonstrados traços épicos, havendo um encontro da narração desses acontecimentos numa interação direta com o público, acompanhado de trilha sonora, construída com a intenção de compor com as cenas, de forma a reforçar a história e ajudar nas transições de uma cena para outra. Uma dessas músicas foi inspirada em um poema do meu avô José Bastos Bittencourt<sup>12</sup>, e as outras na história que ocorre, exatamente na rua em que ocorreram os ensaios, e nos personagens.

**Gravei teu nome**

Gravei teu nome, menina,  
 Na pedra do chafariz.  
 São cinco letras pequenas  
 E nela disse o que quis.

Com o M te faço minha,  
 Com o A falo de amor.  
 O R traduz o teu riso,  
 Cheio de muito calor

Com o I te vejo inocente,  
 Com o A repito: adorada!  
 Gravei teu nome, querida,  
 Naquela pedra lavada.

A chuva, o orvalho, o sol quente  
 Não podem nunca apagar  
 As letras que estão gravadas  
 Ouvindo as águas rolar.

Na pedra do chafariz,  
 Teu nome lindo gravei:  
 Foi uma cópia somente,  
 De todo amor que te dei.

Meu peito como se fôsse  
 A pedra de um chafariz,  
 Tem o teu nome gravado  
 E o bem que sempre te quis

Ouro Preto quando as pedras falam (1971) - José Bastos Bittencourt

---

<sup>12</sup> José Bastos Bittencourt: Professor, músico, escritor e poeta. Esteve como prefeito de em Itabirito/MG nos anos de 1973 a 1976 - Casado com Elisa Elza Rodrigues Bittencourt.

A construção do espetáculo e a apresentação foi realizada de forma itinerante e sua estreia deu-se no dia 30 de abril de 2017, com uma reapresentação no dia 1 de maio de 2017, em uma rua histórica – Rua Sete de Setembro, 131 - Boa Viagem, Itabirito - MG, 35450-000 – e que envolveu os moradores da rua com os empréstimos de suas residências e móveis para construção do cenário, gerando, para além, um estreitamento de vínculos entre a comunidade pertencente àquela rua.

**Figura 2 - Folder de divulgação da estreia do espetáculo Flor de maio.**

**FICHA TÉCNICA**

**Elenco:**  
Bárbara Sill, David José, Jorge Ferraz, Júlia Castro, Larissa Ribeiro, Marcos Diniz, Millena Muniz.

**Direção:**  
Processo coletivo

**Texto:**  
Bárbara Sill e Larissa Ribeiro

**Músicas:**  
Larissa Ribeiro

**Produção:**  
Bárbara Sill, Larissa Ribeiro, Wudson Carvalho

**Figurino:**  
Criação coletiva

**Iluminação:**  
Marcos Diniz e Carlos Marçal

**Arte Gráfica:**  
Pedro Fama

**Fotografia:**  
Paulo Henrique

**Classificação:**  
Livre

**RELEASE**

A peça Teatral "Flor de Maio" escrita e produzida pelo Grupo Teatral Flor de Maio, traz em sua trama um resgate de memórias, costumes e tradições. A peça narra a História de pessoas que poderiam ser qualquer um de nós e o propósito disto é uma identificação direta de qualquer pessoa que esteja na plateia. Qual é o tema? Histórias que passam de geração em geração e que formam nossa identidade, quem nós somos e delinham pelo o que nós vamos lutar.

O enredo conta a história de Filó, uma moça muito meiga, forte e apaixonada por Quinzinho que apronta muitas confusões com seu jeito relaxado e feliz de ser. Toninho, uma criança, lúcido e fofa, alegre e dá vida à história. Temos ainda Dona Rosa, uma senhora imponente e segura de si que não aprova o romance da Filha, Filó, com Quinzinho. Dona Rita e Dona Egenia são uma dupla de senhoras que juntam tudo de bom, sabedoria, amor, carinho de vó e claro, uma boa dose de fofoca e pra finalizar não podia faltar o padre da cidade, Honório, uma figura que traz a religiosidade, mas também muita diversão e o que une todas essas pessoas? A tradição da Flor de maio, de colocar a florzinha na janela e esperar a passagem de Maria. Rimas, músicas, e muitas emoções traduzem essa produção que vai levar aos jovens e crianças o conhecimento, aos adultos o fortalecimento da cultura e aos idosos as lembranças e a esperança de perpetuar suas raízes.

O "Grupo Teatral Flor de Maio", foi criado por três atores formados no Curso Técnico de Teatro do Atelier de Artes Integradas de Itabirito, sendo eles: Bárbara Sill, Larissa Ribeiro e Marcos Diniz. O grupo busca a encenação e apropriação dos costumes regionais, ligados principalmente as tradições Itabiriteenses.

**Realização:** Apoio:

**DIA 30 DE ABRIL ÀS 20:30 E DIA 01 DE MAIO ÀS 19:00**  
NA RUA SETE DE SETEMBRO, BOA VIAGEM

Fonte: Acervo pessoal do autor (2017).

E o processo de construção no coletivo, muitas vezes gera conflitos, acordos em grupos, questões sem saída na busca de caminhos para a construção. Em suma, a harmonia não está presente o tempo todo. E estreitar um espetáculo demonstra, além da construção estética, todo o trabalho que envolve o grupo, um crescimento e um desenvolvimento da autonomia, uma vez que os(as) envolvidos(as) estão aprendendo a lidar com situações de conflitos saudáveis.

A encenação foi, inicialmente, experimentada e desenvolvida para a rua, em Itabirito (MG). Mas com a possibilidade e o interesse de participar de festivais, nos reunimos por diversas vezes na busca de soluções para a realização em outras cidades. Primeiramente, houve a ideia de reformular a construção cênica e, para tanto, removemos elementos do teatro de rua e buscamos a utilização de um cenário construído a partir de uma montagem de caixas de papelão, mas, após várias tentativas e estudos sobre a poderosa construção que o espaço de rua proporciona, percebemos que usar as casas de forma itinerante dava uma força para o espetáculo. Por conseguinte, vimos que o mais pertinentemente seria mantermos a peça na rua, com o convívio e os vínculos com as comunidades. Ademais, é característico das

idades brasileiras terem suas ruas históricas e, mesmo assim, caso não tivéssemos os edifícios históricos, a encenação ainda ganhava seu poder na relação do espaço, da rua e da comunidade.

**Figura 3** - Fotografia com moradores da residência cedida em Conselheiro Lafaiete, e situação de interação da plateia



Fonte: Acervo Digital Festival de Artes Cênicas de Conselheiro Lafaiete (2018).

Com o espetáculo, fomos para o FACE – Festival de Artes Cênicas de Conselheiro Lafaiete<sup>13</sup> na décima edição do evento, no ano de 2018, onde foi possível vivenciar toda a atmosfera e sinestesia de um festival, contribuindo para o meu entendimento das possibilidades de estar entre artistas. Na realização desta edição do festival foram apresentados oitenta e sete espetáculos, com quinhentos artistas participando, e uma precisão de vinte e cinco mil espectadores.

No FACE tivemos a oportunidade de concorrer aos prêmios e, em nosso grupo, tivemos indicações de melhor atriz Larissa Ribeiro e de melhor ator para Marcos Diniz, além de melhor ator coadjuvante para David Marques. A atriz Millena Muniz ganhou o prêmio de melhor atriz coadjuvante. O grupo recebeu ainda, através de voto popular, o terceiro lugar como melhor espetáculo participante do festival.

Fomos também para o II Festeco – Festival de Teatro Comunitário de Mariana<sup>14</sup>, em sua segunda edição, no ano de 2018 - mais uma oportunidade de viver experiências em festivais, onde novamente recebemos prêmios. O grupo conquistou os prêmios de melhor maquiagem, melhor trilha sonora e melhor direção. Além disso, as atrizes Júlia Castro e Milena Muniz foram premiadas como melhores atrizes coadjuvantes. Já o prêmio de atriz revelação foi para Bruna Sudário.

<sup>13</sup> FACE- Festival de Artes Cênicas de Conselheiro Lafaiete, festival desenvolvido pela Casa do Teatro de Conselheiro Lafaiete e que completa neste ano de 2022 a 20 edições. Site: <https://casadoteatrolafaie.wixsite.com/casadoteatrolafaiete> - Acesso em 24 de maio de 2022.

<sup>14</sup> II Festeco - Festival de Teatro Comunitário de Mariana. Site: <https://festeco2019.wixsite.com/festeco> - Acesso em 24 de maio de 2022.

A importância de eventos como esses se dá pela troca de conhecimento acerca de como é fazer teatro, uma vez que grupos de todo o Brasil participam do evento. Um espaço para troca de pesquisas, de informações, de ensino, de experiência, de técnicas e das questões que envolvem o trabalho de teatro em grupo, além de promover um *networking*<sup>15</sup>, pois os vínculos criados com outros grupos não finalizam ao término do festival. É importante para quem produz teatro, também assistir, para assim ter a chance de conectar-se com outros trabalhos que estão sendo produzidos, alimentando o repertório de imagens, o diálogo entre os artistas ao demonstrar a própria obra, possibilitando reverberações e ideias para próximas criações. Certamente o reconhecimento do grupo, a perspectiva midiática, pensando no valor desses prêmios, pode reverberar na cidade natal de cada grupo. Outro aspecto, conseqüentemente, é a formação de público, de espectadores e da democratização da apreciação e criticidade artística e cultural.

Com o Grupo Teatral Flor de Maio, ainda realizei algumas participações em outros trabalhos. Mas, nessa minha trajetória tive um desencontro com as vivências teatrais, em razão de outros interesses e trabalhos. Vivências na Educação Infantil e trabalhos na produção de audiovisual fizeram com que, atualmente, eu não faça mais parte do grupo, mas sempre o acompanho e mantenho contato.

### **Das vivências de práticas educacionais**

Vivenciei três momentos na escola São Domingos Sávio, sendo o primeiro quando era criança, do Maternal ao Terceiro período, durante os anos de 1998 a 2003. Já o segundo momento foi durante a fase jovem, já realizando o curso de Licenciatura em Artes Cênicas, por ocasião do Estágio Supervisionado: Planejamento e Regência I, durante o segundo semestre do ano de 2018. Deste modo, pelo período de três meses, mais especificamente entre outubro a dezembro, com quatro horas de carga horária semanal, realizei atividades artísticas junto às professoras regentes das turmas. E, posteriormente, me tornei professor auxiliar em conjunto com a professora Sandra Maria Toledo Pimenta<sup>16</sup>, pelo período letivo do ano de 2019.

---

<sup>15</sup> Networking é a palavra utilizada para descrever uma rede, ou seja, um grupo de pessoas conectadas – nesse caso, ligadas por interesses profissionais.

<sup>16</sup> Sandra Maria Toledo Pimenta - Magistério em 1982. Centro Educacional São Domingos Sávio (1989 a 2019); Centro de Educação Infantil Começo de Vida (2020 a 2022).

A realização do estágio deu-se com as turmas de Maternal III – dois e três anos –; Primeiro e Segundo períodos – quatro e cinco anos -, em um planejamento desenvolvido com brincadeiras e jogos, usando objetos simples (balão, papel, corda, papel crepom, giz, palito de picolé, prato descartável, etc). Nesse sentido, houve uma introdução das atividades artísticas com aquecimento, relaxamento, música e contação de história, que instauraram as brincadeiras. Em seguida vinham os jogos com os objetivos de propiciar o desenvolvimento da percepção visual, auditiva, coordenação viso-motora; trabalhar a cooperatividade e a competitividade; desenvolver orientação temporal, espacial e proporcionar a ludicidade. Minha presença na escola se deu além de um período estipulado como aula, pois permaneci na instituição assessorando durante a hora do lanche e intervalos, visto que no contexto da Educação Infantil todos esses momentos são educacionais.

Esse segmento é o início, o fundamento da criança no seu processo educativo, que sai de um grupo social que é a família, sendo inserida em um novo grupo social, que é a escola. A Base Nacional Comum Curricular na etapa da Educação Infantil dialoga com Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009), fortalece os eixos estruturantes das práticas pedagógicas.

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções. (BNCC, 2018, p.37).

A brincadeira e as interações são condutores de toda prática educacional. Além disso, estão elencados na BNCC seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento, através dos quais os professores têm que desenvolver atividade e dinâmicas de modo a propiciar tais direitos às crianças, sendo estes: *conviver; brincar; participar; explorar; expressar; conhecer-se* (BNCC, 2018, p.40). O teatro tem bastante a contribuir com tais direitos, uma vez que são parâmetros que envolvem as práticas do teatro, o conhecer-se, o expressar-se de maneira pessoal e coletiva.

As aulas planejadas durante minhas mencionadas vivências se deram a partir da BNCC, que traz os eixos estruturantes (*brincadeira e interações*), na busca de contemplar os direitos de aprendizagem e desenvolvimento, usando como norteador cinco campos de experiências da Educação Infantil, assim descritos e estruturados: “O eu, o outro e nós, [...] Corpo, gestos e movimentos, [...] Traços, sons, cores e

formas, [...] Escuta, fala, pensamento e imaginação, [...] Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações [...]”. (BNCC, 2018, p.40-42).

Ao se pensar no teatro na Educação Infantil foi possível atuar, principalmente, com brincadeiras e intervenções que se desdobram em processos educacionais criativos. Todas as brincadeiras, jogos ou atividades artísticas se desenvolveram a partir dos princípios lúdicos.

A brincadeira é a atividade principal que fortalece o desenvolvimento e o pensamento da criança, dessa mesma forma as práticas teatrais propiciam a crescente autonomia. Segundo Lerner (1980) é no brincar que a criança compreende e que são desenvolvidas aptidões físicas e intelectuais. Logo, é nessas práticas que a criança aprende, decide, constrói autonomia e iniciativa, escolhe a forma de brincar, o espaço, demonstrando seus impulsos, desejos e angústias. Há uma percepção do brincar, por muitos adultos responsáveis pelo núcleo familiar, de que a criança na Educação Infantil vai “somente brincar” como se essa atividade não agregasse ao desenvolvimento da criança.

Verão, por exemplo, que o jogo, o brinquedo da criança é muito diferente do hobby ou jogo do adulto, em que este procura um simples passatempo ou relaxamento para assuntos que o preocupam e absorvem. Para a criança, os jogos e brincadeiras são um trabalho, coisa muito séria, atividades através das quais ela cresce e se desenvolve, descobre o seu lugar e limites. (LERNER, 1980, p,105).

A criança está na escola para brincar, para jogar, logo, as práticas e as intencionalidades na Educação Infantil demonstram o potencial desse brincar. O jogo e as brincadeiras dos adultos diferem do brincar da criança, pois o brincar da criança está na ressignificação de objetos, de formas, de movimentos, de espaços, ao ponto de torná-los outros, tanto pelos sentidos imaginários quanto simbólicos, sendo assim um trabalho na formação integral.

**Figura 4** - Fotografia atividade da observação com a transformação da folha de papel em luneta.



Fonte: Acervo pessoal do autor (2019).

Investigar, explorar o espaço com liberdade, a partir de movimentos, buscar novas formas de perceber tudo que está ao seu redor, expondo seus desejos, anseios, dando espaço para criatividade e ao desenvolvimento motor e intelectual, assim a criança cria confiança para lidar com os desafios e convívios na escola.

Uma das aulas que realizei foi iniciada a partir de uma contação de história, acompanhada de uma atividade que traz a consciência da respiração. A narrativa de um menino que tinha a cabeça de balão e assim voava, propõe essa descoberta do espaço, pela via da respiração com deslocamentos (essa história parte da cultura oral, e de uma autoria coletiva e social). Utilizei balões como objeto de estímulo à visualização, auxiliando o processo de imaginação do sistema respiratório e, assim, levando as crianças a explorar o espaço, cada qual brincando com seu balão individual. Com o inspirar e expirar, a ideia era manter o balão no ar, seguindo a instrução de não o tocar com as mãos, mas somente com o ato de assoprar. Através desta brincadeira, observei os comportamentos apresentados pelas crianças, as interações deles com os balões e com os outros colegas, as suas manifestações próprias no espaço, a ocupação do ambiente de maneira lúdica e divertida.

Para complementar essa atividade foi feito um desenho livre, das crianças, no próprio balão com a utilização de marcador permanente. E, para finalizar, houve uma conversa com as crianças do que chamou mais atenção quanto à história, durante a atividade, e o que elas mais gostaram, ou não gostaram. Os diálogos são momentos muito importantes para o desenvolvimento das crianças, pois é uma ocasião em que podem expressar, problematizar, organizar suas ideias, é um momento de partilha. Assim, contempla um dos eixos estruturantes e também um dos campos de experiência -“O eu, o outro e nós”, conforme é evidenciado na BNCC (2018). Dessa maneira, é em momentos de interação com os adultos e com seus pares que as crianças constituem seu modo de agir, pensar ou sentir, e assim elas podem ter uma percepção de si próprias e dos outros, respeitando e reconhecendo as diferenças que formam os seres humanos.

**Figura 5** - Contação da história, desenho no balão e momento da dinâmica com o balão.



Fonte: Acervo pessoal do autor (2018).

Ao realizar um jogo/atividade, as crianças se interessam pela dinâmica, elas entram em fluxo de alegria e aprendizagem, sendo perceptível o poder inventivo e imaginário que têm. Assim, os jogos e atividades se distanciaram do jogo teatral, permeando mais pelo viés do jogo dramático, que é compreensível em algumas atividades do período Pré-operacional – dois a sete anos – (Piaget, 1964), em que o egocentrismo está bem presente durante a infância.

O jogo teatral se diferencia do jogo dramático basicamente por trabalhar com regras pré-estabelecidas. As regras, por sua vez, são o caminho para a colaboração social posto que é preciso estar em acordo grupal para se jogar o mesmo jogo. Daí entender-se que a atividade de grupo é um ótimo caminho para se orientar e se governar para objetivos coletivos, auxiliando o indivíduo a superar a fase egocêntrica e o subjetivismo individualista. (ANDRÉ, 2007, p.110).

Slade (1978) apresenta que o jogo dramático é a forma que expressa toda a natureza humana, e que, para a criança, é sua maneira de realizar seus pensamentos, desejos, uma vez que podem representar muitos personagens e temas do cotidiano - até os que não são aprovados. O jogo dramático está nesse campo do *faz-de-conta*, onde o imaginário da criança e as cenas vivenciadas em sua vida cotidiana, são experimentadas e interpretadas (LERNER, 1980). O fluxo intenso com os movimentos corporais, gestos, atitudes, no jogo dramático, proporcionam o surgimento de imagens extremamente interessantes, ou seja, a dramatização surge a partir dessas brincadeiras.

**Figura 6** - Brincadeira com caixas de papelão



Fonte: Acervo pessoal do autor (2019).

Brincadeiras com as caixas de papelão foram realizadas em uma das aulas mais potentes na construção de jogos dramáticos, uma vez que as crianças amam entrar e sair das caixas, serem arrastadas como se fossem carros, empilhar e esconder, montar casas, entre outros objetos, representando vivências do seu cotidiano e sua perspectiva dos adultos.

Por outro lado, há momentos de comandos pré-estabelecidos, gerando ações que se aproximam mais do jogo teatral, onde as regras são definidas, assim estimulando as crianças por meio de desafios a serem solucionados. No jogo de regras precisa haver um respeito de grupo, um acordo mútuo, como na brincadeira popular do coelho sai da toca, onde as crianças trabalham a competitividade, a cooperação, a frustração, o senso de esperar a vez, a necessidade de brincar.

**Figura 7 - Brincando de Coelho sai da toca**



Fonte: Acervo pessoal do autor (2019).

Lerner (1980) evidencia que é através dos jogos sociais que a criança aprende a emprestar brinquedos, esperar a vez, competir de forma saudável, e colaborar. É brincando que a criança aprende regras, explora, coleciona, fazendo um exercício Intelectual. Rangel (1992), por sua vez, demonstra que as práticas educativas para construção de autonomia recaem sobre as relações de cooperação, pois são caminhos para a formação de personalidades que se respeitam mutuamente,

descentralizando-os e coordenando relações, pontos de vista, ao ter que se escolher as melhores saídas pessoais e coletivas.

Convém questionar como surge o sentimento de dever, de obrigação, levando em conta se esse emana da lei ou se deriva do sentimento de respeito nutrido pelas pessoas com as quais se convive; igualmente, como a lei é instituída e se essa tem sentido na vida da criança; ou, ainda, em que medida a brincadeira compartilhada ou o jogo de regras pode favorecer o desenvolvimento da autonomia e, conseqüentemente, da ética; e, por fim qual o papel do educador, ou mesmo como relacionar a formação de valores – a formação cidadã – ao ensino dos conteúdos tipicamente escolares. (RANGEL e MAGGI, 2011, p. 28).

Evidentemente, a busca por cumprir desafios, a cooperação entre as crianças, favorece o desenvolvimento da autonomia. As crianças são heterônomas e progridem para serem autônomas, se houver cooperatividade. Assim, na perspectiva piagetiana, a partir das brincadeiras e jogos com regras são criados espaços de relações que as possibilitam compreender o mundo, tomar suas decisões pelos sentimentos de reciprocidade e de obrigação.

Durante as aulas, realizamos uma rotina, com acolhimento, tempo para conversar, para ouvir as crianças, explicar a rotina de trabalho e fazer acordos de convivência. Além de realizar chamada com foto e letra inicial do nome, se pergunta: “quantos somos?”, “como está o clima?”, realizando assim uma observação, relato dos fenômenos naturais, etc. Esse momento é uma construção de um cotidiano com inúmeros estímulos sonoros e movimentos, na busca de vivências educativas com músicas, instrumentos e movimentos corporais que atraíam as crianças. Momentos como lavar as mãos, escovar os dentes, ir ao banheiro e hora do lanche, são outras atividades que permeiam essa rotina, que auxiliam na construção de autonomia. A rotina é importante, mas a intenção não é a rigidez no tempo das atividades.

**Figura 8** - Fotografia de momentos do recreio



Fonte: Acervo pessoal do autor (2019).

Em uma das aulas, no momento de recreio as crianças brincavam de recolher as flores do ipê que haviam caído, devido ao fim da primavera - esse momento já era o fim do recreio -, iríamos naquele momento entrar para a sala, mas, a partir daquela

espontaneidade das crianças, decidimos interagir com elas, trabalhando a intencionalidade - conceito também presente na BNCC -, noções de reunir quantidades, estabelecer relações e observar transformações.

Ao utilizar os campos de experiência, as atividades desenvolvidas tinham a intenção de gerar os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento presentes na BNCC. O ensino e aprendizagem de artes é tratado de forma polivalente nas práticas educacionais infantis, sendo uma disciplina interdisciplinar e transdisciplinar, que colabora para os aprendizados e desenvolvimentos dos saberes, das linguagens, das experiências e intencionalidades, conforme a BNCC, na etapa da Educação Infantil.

Ao elaborar os planos de aula, a busca era desenvolver experiências para promover determinada finalidade, com intencionalidade, ao compreender e consolidar determinados objetivos de aprendizagem e desenvolvimento. E é brincando, relacionando-se, que a criança aprende, desenvolve autoconhecimento. Através da BNCC (2018) afirma-se que é impossível se desvincular do educar, do cuidar, nas experiências educativas para crianças. São apresentadas vivências que promovem competências socioemocionais, e nessa busca criam-se vivências que proporcionam experiências no mundo para que as crianças possam lidar com o que existe.

### **Considerações finais**

Diante dos pontos expostos, o importante é perceber como vivências na Educação Infantil, guiadas por jogos dramáticos, jogos com regras, experiências afetivas e de cooperação, possibilitam situações de construção de respeito mútuo e de reciprocidade, que são aspectos fundamentais para o desenvolvimento de sujeitos com autonomia. São os processos educacionais, em uma família afetuosa e participativa e na escola que reverberam na formação da criança, o que contribui para o desenvolvimento da personalidade, de um ego e superego saudáveis. Dessa maneira, os processos de socialização que ocorrem através da escola e da família devem caminhar em conjunto, promovendo um equilíbrio entre os afetos e os limites.

A Educação Infantil é um período importante nessa construção, uma vez que as crianças estão em transição entre a anomia e a heteronomia, fase em que apresentam comportamentos egocêntricos ou dependentes da aprovação e regras dos adultos. É fundamental entender que a autonomia tem grande influência das interações sociais, e nada melhor do que as brincadeiras, o brincar infantil, para essa

construção. O brincar e a interação, estão presentes como eixos estruturantes na BNCC (2018) no que diz respeito à Educação infantil. Isso demonstra como a primeira etapa da educação básica está na mediação das relações em sociedade, com as outras crianças e com os educadores, tornando possível o desenvolvimento das crianças como sujeitos que têm atitudes, e que sabem analisar e considerar todos os envolvidos.

É essencial, portanto, fomentar a importância de uma educação descentralizadora do(a) professor(a), no sentido de imposição das práticas. Para tanto, tais figuras educadoras devem procurar atuar como mediadores das vivências das crianças, ao oferecer a elas a oportunidade de experienciar situações de dramatização, jogos com regras e cooperação entre seus pares. Os jogos teatrais possibilitam experiências cooperativas e é nessas relações, nos vínculos formados, e através dos desafios que enfrentamos, que desenvolvemos a confiança.

A educação para construção do conhecimento e formação da pessoa-cidadão está necessariamente comprometida com o desenvolvimento de personalidades autônomas, sujeitos fortalecidos na sua individualidade como participantes responsáveis do grupo social em que se inserem. (RANGEL, 1992, p. 83).

Sujeitos ativos, confiantes e propositores que, a partir do meio sociocultural, podem problematizar, refletir e buscar novas soluções. Seres agentes do seu aprendizado e não passivos, reprimidos pelo autoritarismo. A construção desses indivíduos parte também de suas vivências familiares e escolares, tanto com educadores, quanto com responsáveis, que podem propiciar momentos que contribuem para o desenvolvimento desse sujeito.

Difícilmente contribui, de maneira deliberada e consciente, para a constituição e a solidez da autonomia do ser do educando. De modo geral, teimam em depositar nos alunos apassivados a descrição do perfil dos conteúdos, em lugar de desafiar-los a apreender a substantividade dos mesmos, enquanto objetos gnosiológicos, somente como os aprendem. (FREIRE, 1996, p. 56).

Atitudes que deixam as crianças passivas tendem a gerar sujeitos indecisos, inseguros, submissos, que sempre vão depender da aprovação do outro, ou até mesmo a construção de um indivíduo autoritário, não autônomo e com dificuldades para praticar o respeito mútuo.

Portanto, durante o período infantil e adolescência, as vivências educativas no campo das artes cênicas podem fortalecer a autonomia, com a oportunidade de práticas teatrais, jogos teatrais. São momentos que possibilitam o sujeito a entrar em

desequilíbrio cognitivo, ao ter que cumprir desafios, a partir de reconhecimentos e aceitação. Assim, esses sujeitos vão construindo boas relações ao encontrarem-se em ambiente favorável ao desenvolvimento de indivíduos ativos e criativos, em processos de construção de autonomia.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Carminda Mendes. **O teatro pós-dramático na escola**. São Paulo: Faculdade de Educação – USP, 2007. Tese de doutorado.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASIL. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2019.

COUTINHO, Maria Tereza da Cunha; MOREIRA, Mércia. **Psicologia da educação: um estudo dos processos psicológicos de desenvolvimento e aprendizagem humanos, voltado para a educação**. 5. ed. Belo Horizonte: Editora Lê, 1997.

FREIRE, Paulo; **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KOUDELA, Ingrid. Introdução: a escola alegre. *in*: SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais na sala de aula: um manual para o professor**. Tradução de Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 21-26.

LERNER, Léa. **Criança também é gente**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Bloch, 1980.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: Imitação, jogo e sonho imagem e representação**. 3º ed. Rio de Janeiro: LTC, 1964.

RANGEL, Ana Cristina Souza; MAGGI, Noeli Reck. **O brincar na educação: princípio constituinte da cooperação e cidadania**. Educação e Cidadania, v. 13, p. 26-34, 2011.

SLADE, P. **O jogo dramático infantil**. Trad. Tatiana Kelinky. São Paulo: Summus, 1978.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais na sala de aula: um manual para o professor**. Tradução de Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2007.